



# Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)

# **Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino**

**Atena Editora  
2018**

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões sobre a arte e seu ensino [recurso eletrônico] /  
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR):  
Atena Editora, 2018. – (Reflexões sobre a arte e seu ensino; v.1)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-85107-15-4  
DOI 10.22533/at.ed.154182208

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine  
Mafra. II. Título. III. Série.

CDD 707

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A arte acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Ao longo de toda a história teve diferentes funções: já foi forma de comunicação, magia, doutrinação e tantas outras, todas elas relacionadas ao modo de organização da sociedade.

E a função da arte na atualidade qual será? Entre tantas outras uma função que se destaca: é a da reflexão acerca da sociedade atual, do que nos é ofertado e do que ofertamos aos outros. Arte provoca sentimentos, sensações, desperta o homem para uma realidade que nem sempre se tem consciência, por isso está estruturada a partir dos diversos campos do conhecimento. É na arte que muitas minorias se apresentam, onde a representatividade e a expressão se fazem livres, de julgamentos, de pré-conceitos, de paradigmas sociais estabelecidos.

Entretanto toda reflexão, discussão, contradição da arte não se encerra na linguagem visual, teatral ou tantas outras possíveis, Na atual condição a arte precisa ser debatida, pensada e apresentada enquanto pensamento, em uma linguagem explícita e compreensível a todos. Esta é a proposta deste livro: apresentar as discussões, as reflexões sobre arte para a academia, para os estudiosos e estudantes.

Entre os capítulos a abrangência dessa expressão fica evidente, quando se discutem funções da arte na atual sociedade, como pode ser utilizada para despertar o olhar para a cidade, a inclusão da mulher em espaços de arte pouco comuns, a interdisciplinaridade possível através da representação botânica, a moda, a tecnologia e até mesmo a preocupação com a acessibilidade aos espaços da arte.

Discutir sobre a arte é necessário, é adquirir consistência e consciência no que se produz e no que se vê nas suas expressões. Os trabalhos apresentados conduzem o leitor a diferentes caminhos, levando-os à reflexões, ao provocá-lo a compreender este universo tão amplo.

Enfim, como diz Alfredo Bosi: Arte é expressão, arte é conhecimento, arte é construção; com todas essas possibilidades as discussões são a ponta do novelo que nos conduz há um caminho de muitas perguntas, e nem tantas respostas, mas essa é a escolha de quem se permitiu ser contagiado pela arte!

Boa leitura e muitas reflexões!

Prof.<sup>a</sup> Jeanine Mafra Migliorini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
OS LUGARES NÃO VISTOS NA ESCOLA PERPASSADOS PELAS AÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA	
<i>Ana Beatriz Campos Vaz</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
VIESES NEUROCIÊNCIAS DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE ARTE	
<i>Samara Madureira Brito Korb</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>17</b>
FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ARTE	
<i>Maria da Penha Fonseca</i> <i>Renata Lucia de Assis Gama</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>28</b>
O MEIO AUDIOVISUAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE HISTÓRIA	
<i>Miguel Angel Ariza Benavides</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>40</b>
ARTE E COMUNIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS	
<i>Amanda Aguiar Ayres</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>52</b>
ARTE NOS LIVROS DO PNLD PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I	
<i>Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
ARTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO JARDIM DOS FLAMBOYANTS DO COLÉGIO PEDRO II	
<i>Mônica de Mendonça e Sica Martins Aguiar</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
ARTE E TECNOLOGIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ANAIS DO CONFAEB SOBRE AS POSSIBILIDADES DIDÁTICAS COM O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS	
<i>Maria José Negromonte de Oliveira</i> <i>Taciana Pontual Falcão</i>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>93</b>
ARTE E RECRIAÇÃO NA ESCOLA: TRANSFORMAR E TRANSFORMAR-SE COM INCLUSÃO SOCIAL E RESPEITO À DIVERSIDADE	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i> <i>Osimara da Silva Barros</i> <i>Najara Santos de Oliveira</i> <i>Luciane Ferreira Bomfim</i>	

*Valnice Sousa Paiva*  
*Jucineide Lessa de Carvalho*

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>103</b>
SOBRE OS MODOS DE APRENDER E ENSINAR: ALTERNATIVAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM MÚSICA	
<i>Teresa Mateiro</i>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
PROCESSOS EDUCATIVOS NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA	
<i>Marcos Vinícius Ferreira da Silva</i> <i>Leila Adriana Baptaglin</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>131</b>
PRÁTICAS MUSICAIS INDÍGENAS: DO ESQUECIMENTO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO MUSICAL	
<i>Warllison de Souza Barbosa</i> <i>Márcio Lima de Aguiar</i>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
O CORPO COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇAS...	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i> <i>Ursula Rosa da Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>149</b>
DESVELANDO CAMINHOS COM A DANÇA CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS	
<i>Lilian Freitas Vilela</i>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DO TEATRO NA ESCOLA	
<i>Edina Lucia Correia Azevedo</i>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DO TEATRO NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
<i>Flávia Janiaski Vale</i> <i>Eric Vagner de Souza</i>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>183</b>
O PRÉ-CINEMA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA DE INSERÇÃO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO	
<i>Fabiane Costa Rego</i> <i>Adriana Costa Rego</i>	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>194</b>
PROCESSOS FORMATIVOS DO PROFESSOR E PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS: TENDÊNCIAS E CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS E SEU DESDOBRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	
<i>Fernanda Monteiro Barreto Camargo</i> <i>Gerda Margit Schütz Foerste</i>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>204</b>
QUANDO SAÍMOS DA INSTITUIÇÃO, ESTAMOS SÓS! TENSÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO BÁSICA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS.	
<i>Leda Maria de Barros Guimarães</i>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>223</b>
O PROCESSO DE INCLUSÃO NAS AULAS DE ARTES VISUAIS EM UMA CLASSE DE ENSINO REGULAR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE E SEU ENSINO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE BOA VISTA-RR	
<i>Ivete Souza da Silva</i> <i>Emmanuela Chuery Schardong de Andrade</i>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>241</b>
POEMAS URBANOS: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E AUTORIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O ENSINO MÉDIO	
<i>Eleni Jesus de Souza</i>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>257</b>
RELATO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA O APRENDIZADO NAS AULAS DE ARTE: A PARTIR DO ESTUDO DOS ARTÍSTAS JOHN AHEARN E RIGOBERTO TORRES	
<i>Laura Paola Ferreira</i> <i>Fabício Andrade</i>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>267</b>
UMA VIVÊNCIA PLÁSTICA POR INTERMÉDIO DO MARCO – MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MS	
<i>Patrícia Nogueira Aguenta</i>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>278</b>
A LINGUAGEM ESCULTÓRICA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PESQUISA DO PARFOR/FURB SOBRE VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES NAS AULAS DE ARTES	
<i>Roseli Kietzer Moreira</i> <i>Lindamir Aparecida Rosa Junge</i>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>288</b>
O OLHAR FOTOGRÁFICO COMO POTÊNCIA CRÍTICA NA SALA DE AULA	
<i>Cláudia Mariza Mattos Brandão</i> <i>Guilherme Susin Sirtoli</i>	

**CAPÍTULO 26 ..... 299**

MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL: CONSTRUINDO SENTIDO A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ  
EZELINO DA COSTA – CAICÓ/RN

*Jailson Valentim dos Santos*

**CAPÍTULO 27 ..... 314**

A PRÁTICA DA FOTOGRAFIA CEGA: TATEANDO OUTRAS VISUALIDADES NO ENSINO DAS  
ARTES VISUAIS

*Adriano Moraes de Freitas Neto*

*Gilberto Andrade Machado*

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 324**

## MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL: CONSTRUINDO SENTIDO A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ EZELINO DA COSTA – CAICÓ/RN

**Jailson Valentim dos Santos**

SEEC/RN

André Vicente e Silva - SEMECE/Caicó-RN

**RESUMO:** Este capítulo tem por objetivo analisar uma prática de mediação artística e cultural da exposição “Quando a pele incendeia a memória – Nasce um fotógrafo no sertão do século XIX”. Esta exposição fez um recorte da obra do artista caicoense José Ezelino da Costa (1889 – 1952), enfatizando seu acervo de retratos familiares. A prática analisada considera uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Monsenhor Walfredo Gurgel, situada no bairro Paraíba, de Caicó-RN. A fundamentação teórica recai sobre autores do campo da Arte e da Educação, seguindo um traçado metodológico aberto. Ressalta-se o nome de Paulo Freire (2014; 2009), que traz, em suas concepções, a noção de uma educação libertária. Esta prima pelo empoderamento e pela autonomia dos sujeitos ao serem transpassados pela ética e pela boniteza de ser gente. Ana Mae Barbosa (2007), Mila Milene Chiovatto (2011) e Miriam Celeste Martins (2012; 2009) contribuem para alicerçar as práticas pedagógicas e fortalecer as bases teóricas do texto. Utilizamos os estudos de Ângela Almeida (2017) e Eugênia Maria Dantas (2003), no que tange à vida e à obra do

fotógrafo José Ezelino da Costa. Conceder-se, portanto, que o profissional mediador é fundamental nas exposições de arte, pois é ele quem transita no “entre”: entre observador e observado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mediação cultural. Práticas de ensino em Artes Visuais.

Cada um lê com os olhos que tem.

E interpreta a partir de onde os pés pisam.

Todo ponto de vista é a vista de um ponto.

Leonardo Boff . (1997, p. 9).

As práticas de mediação artística e cultural são comuns nos espaços destinados à exposição de arte dos grandes centros urbanos do país como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife. A noção de mediação se aproxima da ideia de *estar entre muitos*, na compreensão da estudiosa Miriam Celeste Martins. (MARTINS, *et al* 2009). Nesta perspectiva, o papel do mediador em uma exposição de arte é de instigar e provocar o público apreciador como parte de um processo de construção coletiva do conhecimento. Além disso, o profissional mediador ainda pode propor atividades ou situações criativas ao público,

visando favorecer e ampliar a experiência estética dos visitantes ou participantes do trabalho ou da proposta artística.

Embora com menor ênfase, essas práticas também fazem parte dos espaços culturais existentes no sertão potiguar, onde é possível observar a elaboração de ações que são capazes de extrapolar o movimento natural de uma vida cultural ativa, daqueles que apreciam exposições de arte. São práticas que afetam, de maneira decisiva, na qualidade da experiência que o público tem com objetos ou propostas artísticas, ampliando o acesso e a participação do sujeito na sociedade.

Este capítulo versa sobre uma prática de mediação ocorrida durante a exposição “Quando a pele incendeia a memória – Nasce um fotógrafo no sertão do século XIX”, instalada no Salão Nobre da antiga Prefeitura Municipal de Caicó-RN, no período de quatro (4) a onze (11) de dezembro de 2017, permanecendo aberta sempre no horário comercial. Esta exposição fez um recorte da obra do artista caicoense José Ezelino da Costa (1889 – 1952), enfatizando seu acervo de retratos familiares. Por sua vez, a prática aqui analisada foi realizada com alunos de uma escola pública de Caicó-RN. Trata-se de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Monsenhor Walfredo Gurgel, situada no bairro Paraíba, dessa cidade.

Ressaltamos que as ações educativas ficaram a cargo dos mediadores André Vicente e Silva e Joana D’arc de Sena. A importância do mediador em uma exposição de arte liga-se à necessidade do desenvolvimento de um “conhecimento presentacional” na educação artística e estética. É justamente este saber presentacional que contribui para uma educação que potencializa a criação humana por meio de processos que envolvem tanto a percepção quanto a imaginação, portanto, uma educação que se diz “humanizadora”, conforme salienta a estudiosa Ana Mae Barbosa. Nas suas palavras podemos ler:

não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem Arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracterizam a Arte. (BARBOSA, 2007, p. 5).

Na compreensão dessa pesquisadora, “uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público”. (BARBOSA, 2007, p. 32). Neste sentido, entra o papel da escola, do ensino de arte, do professor de arte com suas práticas pedagógicas voltadas para a formação humana e cidadã dos educandos. A referida estudiosa sublinha o fato de que a arte na escola tem por objetivo despertar os educandos para conhecer, fruir, decodificar as obras de arte.

Além de Ana Mae Barbosa, destacamos a contribuição valorosa do estudioso Paulo Freire (2014; 2009), que traz, em suas concepções, a noção de uma educação libertária, que prima pelo empoderamento e pela autonomia dos sujeitos ao ser transpassado *pela ética e pela boniteza de ser gente*. O nome de Mila Milene Chiovatto (2011) merece destaque, assim como não podemos deixar de citar o de Martins e Picosque (2012;

2009), na medida em que suas pesquisas contribuíram para alicerçar nossas práticas pedagógicas e fortalecer nossas bases teóricas. Utilizamos também os estudos de Ângela Almeida (2017) e Eugênia Maria Dantas (2003) no que se refere à vida e à obra do fotógrafo José Ezelino.

Para melhor situar o leitor, uma breve biografia do artista será apresentada, assim como informações sobre a exposição, sua curadoria, montagem e desenho expográfico, incluindo a análise de uma prática de mediação realizada com os educandos da escola pública já anunciada. Essa prática aconteceu em vários momentos, primeiramente na escola, seguido de um momento no espaço expositivo e desdobrando-se novamente na escola.

## FOTÓGRAFO DA RESISTÊNCIA

O fotógrafo José Ezelino da Costa (1889-1953) nasceu em pleno sertão nordestino, no sítio Umbuzeiro, município de Caicó-RN. Filho de Bertuleza Maria da Conceição, uma mulher que carregou na pele a marca perversa da escravidão, e de pai desconhecido. O jovem agricultor desde cedo demonstrou interesses pelas artes e pela sensibilidade, cultivando hábitos que mais tarde lhes garantiu o trânsito entre as altas rodas da sociedade local. Inventivo, como os grandes artistas, José Ezelino conviveu em um ambiente doméstico predominantemente feminino e sua irmã, Matilde Maria da Conceição, foi fundamental para alavancar a sua carreira profissional de artista. Ezelino aprendeu em casa a costurar, a bordar e a pintar, expandindo seu raio de atuação com as aprendizagens no campo da música. Como músico, seu talento teve vazão no dedilhado de vários instrumentos de sopro como a flauta transversa e o sax. O artista também era compositor e chegou a formar uma banda com repertório de jazz e música sacra. Entretanto, foi como fotógrafo que ele deixa o seu maior legado as novas gerações do Seridó. Na década de 1920, Ezelino montou seu estúdio fotográfico profissional em um casarão situado na Rua Coronel Manoel Vale, vizinho ao prédio histórico onde funcionava a Coletoria Estadual, no centro de Caicó. A edificação era de esquina, com amplas janelas encimadas por arcos semicirculares e telhado embutido em platibanda cega, bem ao gosto da elite da época<sup>1</sup>. Como sabia costurar, era capaz de fazer intervenções certeiras nos figurinos dos clientes. Neste período, Ezelino precisou aprender também sobre cenografia e iluminação para atender aos desejos da exigente clientela formada pela aristocracia regional. Se a elegância (Imagem 1) lhe servia como traço marcante da personalidade, o requinte, o rigor e a sofisticação distinguiam seu caráter profissional, atestando, assim, sua educação sensível, alinhada com aos conhecimentos artísticos e estéticos que permeavam os valores da vida social e cultural daquele contexto.

---

<sup>1</sup> Para saber mais, consultar imagem no livro Colégio Diocesano Seridoense. Álbum Fotográfico: Caicó ontem e hoje. Associação dos Ex-Alunos do Colégio Diocesano Seridoense, 1994.



**Imagem 1:** Fotografia de Zé Ezelino.

**Fonte:** acervo familiar de Ana Zélia Moreira.

O artista José Ezelino era reconhecido como um fotógrafo de estúdio, no entanto, foi responsável pelos principais registros externos de acontecimentos importantes que marcaram a história do município de Caicó. Serve de exemplo a fotografia que marcou a grande enchente ocorrida em 1924 (Imagem 2) em Caicó, onde as pessoas posaram em diversos pontos no meio da água, sob a direção do fotógrafo. Merece ênfase também a autoria do registro feito na ocasião da visita do então presidente eleito Washington Luiz a cidade, a imagem do Padre Walfredo Gurgel, no momento em que chegou de viagem a Roma, bem como registros da construção do Açude Itans. Essas imagens dão indícios de que as fotografias de Ezelino guardam narrativas históricas importantes para a compreensão da sociedade e o entendimento de suas transformações ocorridas ao longo do século XX.



**Imagem 2:** A região central da cidade.

**Fonte:** acervo familiar de Ana Zélia Moreira.

O grande fotógrafo sertanejo, com suas lentes, foi impregnando de conteúdo afetivo seu trabalho e fazendo história no sertão, encurtando distâncias e colocando o Seridó no centro da cultura. Ele fazia viagens a cidades, como, Recife e Rio de Janeiro, capital da república, sempre que podia, para se manter atualizado, ao mesmo tempo em que estreitava laços de amizade com profissionais renomados dessas localidades. Das viagens trazia o que havia de mais atual na área da fotografia para oferecer ao público seridoense. Fosse ao que tange à técnica de produção de imagens e recurso de laboratório ou a acessórios como álbuns personalizados e molduras especiais, ao anseio da época, para oferecer a sua seleta clientela. É importante salientar que seus contatos profissionais lhes permitiram extrapolar os limites do território nacional, facilitando o envio de filmes fotográficos para a França, para que estes fossem revelados dentro de um alto padrão de qualidade, como garantia os renomados laboratórios franceses da época. Além disso, Ezelino fazia encomenda de material sensível deste país europeu, para utilizar no seu estúdio, em Caicó.

Sua clientela era distinta e exigente, incluindo políticos poderosos, fazendeiros, empresários da região. José Ezelino era muito procurado pelas senhoras da alta sociedade que desejavam fazer retratos de suas famílias. Ele oferecia fotografias grandes, que exigia moldura, assim como fazia fotos pequenas para compor as coleções em álbuns, dessas famílias abastadas. Suas composições eram bastante apreciadas. Bom enquadramento, belíssimo efeito de luz e sombra, harmonioso cenário, figurinos de inspiração europeia: tudo o que era preciso para eternizar o momento presente em apenas um clique.

Todos esses elementos na produção imagética de Ezelino chamam muito à atenção, aja vista que a fotografia era uma tecnologia relativamente nova e rara por estes sertões. Entretanto, o negro, filho de mãe alforriada, que vivia numa “terra de brancos”, soube driblar como ninguém as regras sociais da época, aos quais era submetida à população. Politizado e consciente do seu papel de artista, Ezelino transgredia no silêncio de seu estúdio e podemos supor que ele exercia uma militância política discreta, em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, ele conseguiu vencer preconceitos, quanto a sua condição de negro e pobre, quanto na sua condição de profissional.

## **A EXPOSIÇÃO COMO UM ESPAÇO PARA EDUCAR O OLHAR**

Uma exposição fotográfica é um instrumento privilegiado que pode e que deve ser usado pelo professor de arte no processo de educação do olhar dos seus educandos. A pesquisadora Eugênia Maria Dantas (2003; 2002) enxerga a potência das imagens, no processo de educação do olhar, e assegura isso a partir do estudo das fotografias de José Ezelino. O costume de apreciar fotografias pode ser uma estratégia interessante para depurar o ato de ver, pois coloca em destaque “reservas éticas e estéticas da

vida, da memória e do cotidiano, de forma a prover e alimentar princípios educacionais mais complexos e de natureza transdisciplinar.” (DANTAS, 2002, p. 1). No entender da estudiosa, é possível

decretar a fotografia ou a escrita da luz como ponto zero em um movimento do olhar e, também, como uma imagem dinâmica em permanente mutação. Toda fotografia circunstancia um tempo e um espaço, mas também, é a arte da transcendência espacial e temporal. Ela nos faz rir, recordar, chorar, excitar, calar, imaginar, projetar cenários e histórias. (idem).

Sendo assim, consideraremos a exposição fotográfica “Quando a pele incendeia a memória” (Imagem 3) como um espaço privilegiado para a educação do sensível. A estudiosa Ângela Almeida fez sua curadoria e o desenho expográfico foi assinado pelos profissionais Rafael Campos e Michelle Holanda.



**Imagem 3:** detalhe do convite da exposição

Fonte: divulgação.

Artistas e intelectuais de Caicó ressaltaram, nas redes sociais, a importância da exposição sobre o trabalho de José Ezelino circular pelo Rio Grande do Norte e chegar à região do Seridó, como reconhecimento de um legado artístico e cultural para o Município de Caicó e para o Estado do Rio Grande do Norte. Ademais, a exposição fortaleceria a memória de um homem que tanto fez pela região e pela cultura do povo negro potiguar. No entanto, destacamos dois problemas: O primeiro diz respeito aos espaços expositivos e o segundo a formação do mediador.

Os espaços culturais de Caicó destinados à exposição de arte são quase inexistentes na cidade. No município não tem uma sala expositiva adequada para receber as exposições. Normalmente, o que se faz são adaptações, na sua maioria, mal feitas, nos espaços já existentes. Isso porque permanece no imaginário do poder público local a ideia de que fazer uma exposição é apenas distribuir aleatoriamente alguns trabalhos em qualquer espaço e convidar um grupo de pessoas para olhar. A outra questão diz respeito à formação do mediador, resvalando na criação de espaços para esse profissional atuar nos ambientes culturais. O debate se afina com uma atitude educativa e política, pois favorece, em primeira instância, a renda, já que se trata de um trabalho que encontra sua potência na promoção dos encontros. Falamos

de um trabalho que tem por fim atingir a sensibilidade inteligente das pessoas para construir conhecimento, de maneira coletiva, horizontal, democrática, interdisciplinar. A formação do mediador não existe formalmente no Seridó, ela acontece de maneira acidental, casual, circunstancial.

É importante salientar também que a obra de José Ezelino ainda é pouco difundida na sociedade, sendo o fotógrafo conhecido mais por pessoas brancas, de posses e intelectualizadas, do que pelo povo negro da região do Seridó, inclusive, virando objeto de estudo dessas pessoas.

No processo da educação do olhar, aconteceu um debate aberto, agendado durante a exposição, envolvendo estudiosos, artistas, familiares do fotógrafo, a imprensa local e demais pessoas interessadas nas questões da Arte, da negritude e da cultura. Na nossa avaliação, esse debate demonstrou-se muito proveitoso, devido ao interesse do público e a boa qualidade das discussões, tangenciando diversos aspectos da obra do artista. Em outros momentos de visitaçã, ocorreram, por iniciativa dos mediadores, rodas de conversas informais com os visitantes, que também foram bem produtivas, do ponto de vista da construção coletiva de sentido.

O desenho expográfico da mostra (Imagem 4) atendeu bem as expectativas do público, pois se demonstrou didática e bem equilibrada quanto à distribuição das obras no espaço. As imagens foram distribuídas por ordem temática, atendendo a mesma organização do catálogo produzido. A equipe da montagem também merece realce, pois não constatamos nenhum equívoco na exposição que pudesse comprometer a mostra ou provocar algum incidente envolvendo o público visitante. Todos os trabalhos ficaram bem colocados, sem pregos ou parafusos aparentes, mantendo-se em ordem até o momento da desmontagem. Já sua iluminação não era adequada, pois não foi feito nenhum estudo específico para aquele contexto. Entretanto, devido às aberturas do local com suas amplas portas e janelas, não houve prejuízo significativo para as obras<sup>2</sup>.

Apesar do pouco tempo em que a mostra permaneceu aberta à visitaçã pública, a nossa avaliação foi positiva por vários motivos. Inicialmente é importante notar que a exposiçã foi um sucesso de público (Imagem 5). Seu livro de visitas registrou mais de duas mil assinaturas. Além dos visitantes espontâneos, diversos educadores levaram suas turmas de educandos, tanto de escolas públicas municipais e estaduais quanto do ensino privado. Outros grupos também registraram presença, como o grupo de idosos e o de pessoas ligadas ao movimento negro de Caicó, além de representantes de instituições públicas como Biblioteca Municipal, universidades (UFRN, UERN), faculdades privadas e centros culturais da cidade.

---

<sup>2</sup> Todo o material exposto no Salão Nobre da Prefeitura foi doado a Casa de Cultura Popular de Caicó e hoje faz parte da sua reserva técnica.



**Imagem 4:** grupo de senhoras da comunidade.

**Fonte:** acervo pessoal dos autores.



**Imagem 5:** inspiração na intimidade das residências da época.

**Fonte:** acervo pessoal dos autores.

Para Mila Chiovatto (2011, p, 102), não basta propiciar o acesso aos bens culturais. Este acesso tem que ser qualificado, capaz de promover “ações que possam atuar como catalisadoras de transformações sociais, em esfera individual ou coletiva”. A exposição mereceu a publicação de um catálogo, editado pela UFRN, (ALMEIRA, 2017), contendo a documentação da mostra. O volume foi entregue gratuitamente para autoridades, diretores de escolas, professores e pesquisadores interessados.

Além do catálogo, não foi desenvolvido material educativo para trabalhar com educadores e educandos durante ou após a visita, assim como também não foi realizado um desdobramento da visita no próprio espaço expositivo, como um trabalho expressivo, por exemplo. Ressaltamos que atividades dessa natureza, desenvolvidas no espaço da mostra, são importantes para a exposição, pois favorecem o desenvolvimento da percepção estética dos educandos, além de subsidiar a criação poética e plástica, fortalecendo a capacidade crítica do visitante. (CHIOVATTO, 2011, p, 102). A metodologia utilizada nessa prática seguiu alguns movimentos, pensados

a partir da obra de Miriam Celeste Martins e Gisa Picosque (2012; 2009): acolhida; passeio livre; passeio coletivo; e fechamento. Enquanto os visitantes faziam o passeio livre, o mediador procurava o educador acompanhante da turma e fazia as sugestões de que trabalhar em sala de aula, mostrando a importância de possíveis desdobramentos da visita. As sugestões de atividades seguiam uma tendência interdisciplinar, podendo envolver diferentes componentes curriculares, com ênfase em componentes curriculares como Arte, História, Geografia, Português e Matemática. A ideia de sugerir aos educadores alguns pontos para serem trabalhados na escola não era para que o educador seguisse um passo a passo, mas sim para que ele se sentisse provocado a criar sua própria metodologia de trabalho, propondo atividades criativas no ambiente de aprendizagem, conforme prever a abordagem triangular. (BARBOSA, 2007).

Dessa maneira, foram considerados os seguintes aspectos que poderiam ser explorados na escola: 1) Reconhecer a fotografia como um artefato que condensa uma interpretação do mundo de um determinado momento histórico; 2) Enfatizar a fotografia como um documento iconográfico importante para os registros social e cultural, de tempo e espaço; 3) Identificar as características que envolvia a fotografia no início do século XX, comparando-as com as existentes na contemporaneidade; 4) Refletir sobre a origem da família de José Ezelino, tentando identificar aspectos étnicos, sociais e culturais, capazes de ser aproximados da identidade familiar de cada educando; 5) Analisar a trajetória profissional do fotógrafo, considerando o contexto do povo negro no seu período histórico, colocando-o em relação com a problemática profissional do negro na atualidade; 6) Distinguir os principais traços que marcaram a sociedade da época, estabelecendo relação entre estes com as transformações econômicas, sociais e políticas acontecidas no território brasileiro ao longo do último século no que tange às questões étnico-raciais; 7) Entender os obstáculos enfrentados pelos filhos de ex-escravizados na sociedade brasileira a fim de tentar identificar o que ainda limita o avanço e o progresso do negro no Brasil; 8) Reconhecer a contribuição do trabalho de José Ezelino para as manifestações artísticas ocorridas no Seridó e sua importância na construção da história do povo negro nesta cidade/região específica; 9) Pesquisar as transformações ocorridas na vida profissional do povo negro na história do Brasil, desde a “libertação dos escravizados” em 1888, até a contemporaneidade; 10) Construir uma linha do tempo que fosse possível perceber e analisar as consequências da escravidão no Brasil, situando o fotógrafo caicoense no contexto sócio-histórico; 11) Relacionar índices sociais, educacionais e econômicos que são produzidos no âmbito oficial para evidenciar semelhanças e diferenças no que se refere à vida de negros, pardos e brancos no Brasil, confrontado aspectos históricos da nossa sociedade; 12) Reconhecer a importância da preservação da memória do sertão seridoense para a história do Rio Grande do Norte e do Brasil.

O legado de José Ezelino é hoje estudado e apreciado artístico e esteticamente. Para mergulhar em sua poética é preciso abrir espaço no cotidiano, especialmente, quando pensamos em propiciar apreciação e construção de saberes a estudantes de escolas públicas. A mediação pode ser um espaço qualificado de promoção e encontro com o mundo da cultural. Um espaço capaz de nos instigar e ampliar nossas próprias significações de ser humano, como diria Martins e Picosque. (2012, p. 17). Para estas estudosas,

mediar é, também, proporcionar o acesso a como outras crianças, jovens e artistas, de outros tempos e lugares, produziram, artisticamente, como ampliação de modelos, escolhidos com muito critério pela variedade, diversidade, pelos caminhos opostos e paralelos. Modelos percebidos como formas instigadoras de caminhos pessoais por novas vias e não como “fômas” a serem copiadas, nem “transmitidas.” (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 17).

Nessa busca por novos encontros e possibilidades de educar a nossa sensibilidade a partir das exposições de arte, o papel do mediador é de suma importância. Isso porque, ser mediador, na visão de Martins e Picosque, requer disposição para mobilizar a aprendizagem cultural da arte. Afinal, o mediador é aquele sujeito que “encontra brechas de acesso, tangenciando assim os desejos, interesses e necessidades destes aprendizes, antenados aos saberes, sentimentos e informações que eles também transmitem, participando do complexo processo de comunicação.” (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 18).

Ao buscarmos abrir espaços de recriação da obra de José Ezelino aos visitantes da exposição, “Quando a pele incendeia a memória”, tínhamos o desafio de encontrar uma maneira criativa de mobilizar os fruidores a se encontrarem com a poética do artista na mostra fotográfica. Sendo assim, passamos agora a analisar uma prática de ensino de arte, que teve essa exposição como disparadora do trabalho pedagógico. Trata-se de uma ação realizada com uma turma de 8º ano do ensino fundamental da Escola Monsenhor Walfredo Gurgel. O trabalho iniciou na sala de aula com o arte/educador explanando sobre a vida e o contexto histórico vivenciado pelo artista. Isso porque Paulo Freire (1996, p. 38) nos chama a atenção para o “pensar certo que supera o ingênuo”. Esta maneira de pensar “tem que ser produzida pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor,” todavia, no caso específico, se estende ao mediador. Discorrer sobre a fotografia e os sentidos atribuídos a esta linguagem artística ao longo do século XX era muito importante para situar os educandos no tempo e no espaço, à medida que se contextualizava o trabalho do fotógrafo, considerando as especificidades da região do Seridó, na história da Arte do Rio Grande do Norte. O passo seguinte foi providenciar uma expedição<sup>3</sup> artística, comunicando aos pais e à

3 A noção de expedição remete a um determinado grupo que sai com o fim de explorar, pesquisar, estudar, descobrir. Na escola, as saídas expedicionárias planejadas pelo educador são, normalmente, instigantes para os educandos. Esses deslocamentos remetem aos portugueses,

escola sobre a aula exploratória e seus objetivos, concomitantes ao agendamento da visita no espaço expositivo. Assim como Ana Mae Barbosa, acreditamos que a escola pública

pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação. Isto não só é desejável mas essencialmente civilizatório, porque o prazer da arte é a principal fonte de continuidade histórica, orgulho e senso de unidade para uma cidade, nação ou império, [...]. (BARBOSA, 2007, p. 33).

A expedição aconteceu e no dia seis (6) de dezembro de 2017, os adolescentes foram recebidos pelo mediador André Vicente e Silva, que, no saguão do prédio da antiga prefeitura, deu as boas vindas ao grupo de estudantes e falou sobre a dinâmica da visita. Ele chamou a atenção de todos para um grande banner que ocupava toda a parede da direita de quem entrava no edifício, atentando para uma foto do artista, elegantemente vestido, pousado de maneira incomum para a época, visto que se tratava de uma pessoa negra. Foi evidenciado que os educandos estariam diante dos primeiros registros fotográficos de uma família não convencional, constituída por remanescentes de escravizados. Assim como Ezelino, cada membro da sua família posava de maneira que não remetia a labuta cotidiana. Eles se encontravam bem vestidos e diante de cenários sofisticados, conforme costume dos abastados núcleos familiares da época (leia-se, elite de coronéis, fazendeiros e exploradores da mão de obra humana, cujo regime patriarcal era assegurado pela imagem do homem branco, de origem europeia, como referência da aristocracia, da nobreza). Foi destacado ainda que a maioria das imagens pertencia ao álbum de família do artista, que na atualidade se encontra sob os cuidados da arquiteta Ana Zélia Moreira, sobrinha-neta do fotógrafo.

No salão principal (Imagens 6 e 7), os estudantes puderam fazer um passeio no espaço e no tempo para compreender a história daquela família, fazendo um paralelo com a história do negro no Brasil, ao longo do século XX. Foi interessante observar que alguns educandos perceberam que o artista havia subvertido uma ordem, tacitamente instituída na sociedade de então, trazendo a imagem do negro para o centro das discussões, apresentando-os de maneira alinhada, digna, virtuosa. O passeio foi estimulado pelas questões levantadas, tanto por parte do mediador, que apresentava informações novas e problematizadoras quanto pelos educandos, que chamavam atenção para assuntos relevantes: fosse da composição em si ou do contexto sócio-histórico-cultural presente na imagem.

---

quando saiam pelo mar com o fim de explorar novos territórios.



**Imagens 6 e 7:** mediador com educandos no espaço expositivo.

**Fonte:** acervo pessoal dos autores.

Antes do último momento no espaço expositivo, cada educando teve oportunidade de explorar, livre e atentamente, cada imagem, ou o conjunto delas, atentando para aquelas que mais despertaram suas curiosidades. Por fim, o mediador fez um fechamento da visita, reunindo todos em grupo novamente para uma reflexão final, daquela exposição que trouxe ao público de Caicó um apanhado do que seriam os primeiros registros imagéticos de uma família de negros sertanejos do início do Século XX. O fato dos negros posarem com indumentária elegante e diante de cenários sofisticados foi um ponto elencado pelos educandos, pois seguiam os passos estéticos utilizados costumeiramente pela aristocracia local/global. Para além da estética, este pode ter sido uma escolha política do fotógrafo.

Na escola, nas aulas seguintes, o trabalho pedagógico foi retomado com os educandos. Inicialmente foi pedido que eles escrevessem sobre a experiência

vivenciada no espaço expositivo. Era importante que fosse relatado qual retrato tinha chamado mais a atenção de cada educando, e por que, bem como a sensação que esse havia lhes transmitido, além da fotografia que mais tinha gostado na exposição. Em vários relatos, pudemos constatar o quanto eles gostam de experiências que extrapolam os limites do muro da escola. Alguns gostaram muito das fotografias que sofreram intervenção da curadora, enfatizando o uso da cor<sup>4</sup>. Outros realçaram os retratos do próprio artista, destacando suas roupas, seus finos sapatos e a maneira elegante de se portar. Um grupo de educandos achou interessante as imagens que apareciam crianças. Entretanto, a fotografia que mais chamou a atenção da maioria dos educandos foi justamente a da mãe de Ezelino, Bertuleza. Este fato pode ser atribuído à ênfase dada pelo mediador à imagem, justo que se tratava de uma senhora, ex-escravizada, que se encontrava fora da situação laboral, considerando tudo que isso pode significar.

A participação e o entusiasmo com que falaram da expedição realizada no Salão Nobre da Prefeitura foi um ponto importante a ser considerado na hora da avaliação. Como desdobramento da visita foi trabalhado também a leitura de imagem. (BARBOSA 2007; PILLAR, 2014). É importante salientar que estávamos nos últimos dias do ano letivo de 2017 e não houve tempo hábil para adensar as reflexões sobre uma produção expressiva na escola. Mesmo assim, foi sugerido que cada um deles trouxesse fotografias de seus familiares para que fosse possível fazer leituras críticas destas imagens, tentando identificar seus aspectos étnicos, sociais e culturais. Quando o educando conseguia estabelecer relação com os retratos assinados por José Ezelino, percebíamos que a experiência com a leitura demonstrava-se ainda mais significativa. A partir dessa atividade foi proposta uma criação compositiva, bidimensional, que reforçasse os traços da identidade pessoal, familiar ou sociocultural dos educandos.

Neste sentido, o desenvolvimento da capacidade criadora estava diretamente vinculado à construção de uma consciência da realidade social e da sua transformação, ressignificação, modificação. Conforme Ana Mae Barbosa,

se pretendemos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da Arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade. (BARBOSA, 2007, p. 5).

A exposição do “álbum de família” de José Ezelino nos ensinou a olhar com mais sensibilidade para retratos fotográficos. Aprendemos com o artista a subverter uma ordem, a transgredir com o instituído, a lutar por um espaço digno na sociedade que vá além do trabalho braçal, alienado, repetitivo. Ezelino utilizou suas lentes como uma ferramenta para dar visibilidade a sua família, em um memento histórico de grande exploração do negro na sociedade, especialmente pela força.

---

<sup>4</sup> A curadora da mostra realizou e expôs um trabalho artístico, apropriando-se e interferindo sobre um conjunto de reproduções de retratos do fotógrafo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição “Quando a pele incendeia a memória – Nasce um fotógrafo no sertão do século XIX” abriu um espaço privilegiando para a educação do olhar no Seridó e oportunizou a esta sociedade revisitar a obra do artista caicoense José Ezelino da Costa. Desta maneira, cada visitante pôde aprender e se emocionar com seus feitos no tocante as suas escolhas no campo artístico, cultural, social e político. Isso porque a mostra trouxe um pouco de um profissional que soube saturar de conteúdo afetivo o seu trabalho, subvertendo o já instituído na sociedade ao criar curiosas composições fotográficas onde ele se retratava de maneira elegante, assim como retratava também seus familiares. Ele assumia traços estéticos inimagináveis para o contexto de opressão vivido por homens e mulheres negras e pobres do início do século XX no Brasil, em especial, no sertão nordestino. Ao fazer isso, ele criava um espaço de fala para si mesmo e para os seus entes poderem contar suas próprias experiências de vida.

A mostra foi de grande importância para a educação artística e estética de Caicó e cumpriu com êxito o seu papel social, superando a marca de duas mil assinaturas no livro de visitas, na sua maioria, de escolares. No processo de construção de sentido, foi estabelecido um franco diálogo com diversas instituições de ensino e com a comunidade local, por meio de ações educativas que se demonstraram significativas para o público visitante da região que apreciou o evento, aproximando seus frequentadores dos saberes e fazeres da arte fotográfica. As práticas de mediação foram assumidas como um recurso didático-pedagógico importante à fruição estética, bem como a construção do conhecimento de maneira horizontalizada e plural. Esse tipo de ação educativa exerce relevante função nas exposições de arte, pois contribui com a formação de público para os eventos artísticos e culturais que acontecem nas cidades. Nesse caso, as fotografias serviram como instrumentos de reflexão de um espaço e um tempo histórico específico: o sertão do Seridó na primeira metade do século XX.

O profissional mediador é fundamental nas exposições de arte, pois é ele quem transita no “entre”: entre o observador e o observado. Todavia, ao atuar em parceria com o educador das escolas, o mediador pode contribuir para que esse consiga sobrepor as dificuldades existentes na sala de aula, propondo atividades pedagógicas que caminhem no sentido de despertar no educando todo o seu potencial criativo e sua inteligência sensível.

A mediação artística e cultural propiciou aos mediadores e visitantes da mostra fotográfica, fazer uma observação apurada das várias atividades do artista dentro de sua poética. Assim, afirmamos que esta exposição configurou-se como um espaço privilegiando para a educação do olhar, na medida em que foi percebido pelos educandos os detalhes dos figurinos e a maneira do artista conceber os cenários. A direção das fotos, o posicionamentos das mãos e da cabeça, a postura como um todo, fizeram parte das leituras coletivas, tanto no espaço expositivo, quanto na sala

de aula. As questões formais da arte, presentes nas imagens assinadas pelo fotógrafo seridoense, também foram consideradas nos debates.

As ações educativas que foram conduzidas e acompanhadas pelos mediadores da mostra sobre José Ezelino visaram fomentar a discussão, instigar questionamentos, promover a fruição do sensível, difundir a arte produzida no sertão do Seridó potiguar, bem como formar público apreciador, garantindo o acesso da comunidade aos espaços de promoção da arte e da cultura.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela. **Quando a pele incendeia a memória nasce um fotógrafo no sertão do século XIX**. Natal, RN: EDUFRN, 2017.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo, Perspectiva, 2007.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

CHIOVATTO, Milene. Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo: descritivo de ações. In **Espaço da Mediação**. (Org) Carmen Aranha e Katia Canton. São Paulo: PGEHA/Museu de Arte Contemporânea da USP, 2011.

Colégio Diocesano Seridoense. **Álbum Fotográfico: Caicó ontem e hoje**. Associação dos Ex-Alunos do Colégio Diocesano Seridoense, 1994.

DANTAS, Eugênia Maria. **Fotografia e Complexidade: a educação pelo olhar**. Tese de doutorado: UFRN, 2003.

\_\_\_\_\_. José Ezelino: escritos pela luz. In: **II Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2002, Natal. Anais do 2º Congresso Brasileiro de História da Educação: história e memória da educação brasileira. Natal: EDUFRN, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

\_\_\_\_\_; *et al.* **Teoria e Prática do Ensino da Arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2009.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. (Org.) Analice Dutra Pillar. Porto Alegre: Mediação, 2014.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-15-4

